

# Entrevista com a Dona Anna Amélia de Barros

*por Alfredo José Gonçalves, Cs.  
Antenor João Dalla Vecchia, Cs.*

## NOTA DO EDITOR

A entrevista foi realizada pelos padres Alfredo José Gonçalves, Cs. e Antenor João Dalla Vecchia, Cs., em 2/05/1985, no município de Dobrada-SP. Inicialmente, a entrevista seria publicada no Boletim VAI VEM, à época, editado pelo Centro de Estudos Migratórios (CEM). Mas, devido a sua extensão ultrapassar os limites do VAI VEM, não foi publicada. Em conversa recente com o padre Alfredo Gonçalves sobre os 40 anos da Greve de Guariba – que coincidem com os 40 anos da Pastoral dos Migrantes –, as suas memórias de missionário scalabriniano junto aos trabalhadores migrantes, ele falou-me sobre a Dona Anna Amélia de Barros e sua entrevista. Solicitei-a para ler e logo vi que, a despeito de 39 anos passados da sua realização, ela é muito atual e rica de questões relevantes, seja para os diversos trabalhos da Pastoral dos Migrantes e demais movimentos populares seja para revisar, fundamentar, inspirar novas questões, conceitos e metodologias de pesquisa para as Ciências Sociais.

No que tange à estrutura linguística, de modo geral, mantive a grafia da linguagem da entrevistada, assim como os padres Alfredo e Antenor a mantiveram na transcrição original. Sempre que possível, também mantive a pontuação adotada originalmente. Somente em ocorrências especiais, como erros de datilografia (recurso utilizado à época para a transcrição), ausência de pontuação no final de frases, sujeito indevidamente separado do verbo etc., intervi aplicando a norma gramatical vigente. Algumas palavras utilizadas em linguagem dialetal sertaneja foram explicadas nas Notas do Editor (N/E). Outras, ainda que apresentem o mesmo caráter, não foram explicadas porque já foram dicionarizadas. Igualmente receberam explicação palavras que se referem a lugares pouco conhecidos. Por fim, incluí o nome da entrevistada que não constava no original, e incluí algumas fotografias dela, gentilmente cedidas por sua neta, Alessandra dos Santos Pinto.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (Fale sobre a sua história)*

**Figura 1** - Anna Amélia de Barros.



Foto: Acervo pessoal de Alessandra Dos Santos Pinto. Gentilmente cedida.

DONA ANNA (...) começar do começo, né. Casei, fui morar na casinha do meu sogro, ficamos uns sete anos lá morando com um cunhado meu. Então, meu marido pegou um terreno que o pai dele tinha herdado. Ele tirou, parece, que 2.500 cruzeiros naquele tempo no banco, mas ele tinha sempre a parte do terreno do pai dele, que o outro irmão era quem tomava conta. Por causa daquês 2 milhão que ele tirou no banco de Garanhuns-PE, não checou a pagar no tempo, então a rocinha foi por água abaixo, e também choveu muito... ele não chegou a pagar aquela conta. Então o irmão foi e tomou a terrinha que ele tinha, três quadrazinhas de terra, uma casinha que nois tinha feito com tanto sacrifício, meu Deus! Com filho pequeno, a água pra fazer essa casinha eu carregava dia e noite, que ninguém dava a água. Fizemos aquela casinha de noite, carregando água na cabeça, eu carregava numa lata, ele noutra, até que fizemos aquela casinha. Quando foi naquele tempo que ele não pode pagar aquela dívida, o irmão foi e tomou a rocinha, tomou o que tinha dentro de casa, tomou tudo. Aí nós resolvemo ir s'imbora pra São Paulo, em Presidente Bernardes.

Quando chegamos em São Paulo, em Presidente Bernardes, chegamos era fora de safra, fui morar naquelas quiçaça velha, onde tinha morado já uma parenta minha, uma irmã minha tinha morado naquelas terras. Mas ninguém morava mais naquele lugar. Só eu que fui morar naquela casa, lá jogada, sem patrão, sem ninguém. Fiquei lá, parece que uns quatro meses. Ele trabalhava lá, o rapaz que cuidava chamava-se até Mateus. Trabalhou, trabalhou um mês, não recebeu, trabalhou dois meses, não recebeu. Quando foi nos três, a comida que nós comia era banana, cortando cacho de banana e cozinhando na roça pra nós comer. E aquele homem não pagava aquele dinheiro que ele trabalhava, de jeito nenhum. E eu morrendo, nós morrendo dentro de casa de fome, com aquela meninada. Adoeceu e os pequenininhos ficaram só coro e osso, fazia cortar o coração de se vê. Então, ele ainda foi em Presidente Bernardes lá no... chamava-se escritório, que esse moço era, que esse dono dessa empreitada, esse Mateus. Chegou lá e falou, brigou lá que não tava saindo pagamento, já tava quase três meses que não recebia nada. Aí, eles foram e passaram um vale. Não era cheque, era vale, pra ele tirar umas coisinhas lá na mercearia. Ele tirou aquilo ali, chegou com a despesinha em casa. Tornemo a ficar naquele Presidente Bernardes, naquela casa velha, jogado pra lá. Aí, quando foi um dia, resolvemo ir s'imbora. Vamos s'imbora daqui, vamos pro Rio do Peixe, pra onde morava um compadre meu que era de Pernambuco. Quando chegamo lá, quando chegamo lá nesse Rio do Peixe, nesse compadre meu, chegamos e me deram um galpão velho na beira da estrada, assim. Tinha morrido já sete pessoas naquele galpão velho que ele me deu lá. Disse: olha, vocês querem ficar ai, vocês fiquem, sem compromisso, eu não tenho compromisso com vocês. Primeiro, ele foi lá, acertou que ia me fornecer, nós ia por uma rocinha, ele ia fornecer nós com qualquer coisa. Mas quando nós chegamo lá, ele se arrependeu. Disse: bom, vocês querem ficar nesse galpão aí na beira da estrada, vocês fiquem, só que eu não tenho compromisso, com vocês. Tivemos que ficar, ninguém tinha caminho de nada. Chegamo lá, no dia que chegemo deu umas trovoadas lá, umas chuvas, encheu aquilo tudo. Foi um veneno pra matar bicho de algodão. E nós não sabia de nada, não sabia que tinha água nem nada. Aí, eu fui pegar aquela água pra beber e pra fazer comida. Aquelas águas dos tanques de cimento que era pra matar bicho de algodão. Aí, quando foi uns oito dias, adoeceu tudo, intoxicou tudo, ficou tudo em cima de uma cama lá, morrendo. Ele doente e os filhos, tudo. Só a mais sadia era eu que naqueles treze dias que cheguei tive um filho. Ai, que sofrimento, que sacrifício, quando foi que eu tinha tido aquele filho. Quando foi dezesseis dias, morreu um dos que eu tinha levado, um menino já com três anos, quase três anos, inteirando três anos. Aí morreu. Os outros tudinho ficou doente e eu fiquei sozinha caminhando, o meu velho doente também lá em cima numa cama,

daquele intoxicamento daquele veneno. Não comia nada, com febre, saindo ferida no corpo de tudo. Eu digo, ai meu Deus, vai morrer! E assim mesmo ainda trabalhava na roça. Era tempo de plantar algodão, e assim mesmo ainda plantou um alqueire de algodão. Eles doentes, pra aqui, pra acolá, ele saía pra ir dar um dia de serviço de vez em quando pra melhorar, chegava e, “oh, fiz um alqueire, plantei o algodãozinho lá pra todo lugar”.

E quando foi completando o fim do mês, em quinze dias morreu outro filho. Morreu outro. Fiquei com as mãos na cabeça, morrendo de chorar, de dia e de noite, chorando de dia e de noite, com pena daquele filho. Aí fiquei quase louca, fiquei quase louca.... Quando foi um dia, parece que estou vendo, fiz uma promessa, fiz uma promessa pro Santo Reis. Ia passando uma procissão de Santo Reis na porta, eu me atravessei na frente daquela imagem que ia passando, fiz um pedido: que ela tivesse compaixão de mim, não deixasse eu morrer naquele deserto, pelo amor de Deus. Uma multidão de gente, que todo mundo chorou quando viu eu atravessando naquela frente daquela procissão. Nunca me esqueci. Aí, quando eu fiz essa promessa e me calei, fiz essa prece, rezei o Pai Nosso, eu fiz na intenção daquela imagem, que eu não sabia nem que imagem que ia naquela procissão, aí chegou um carro na minha porta e parou. Quando o carro parou, veio um moço e disse: nós somos empregados de Getúlio Vargas, que essa cidade aqui pertencia à viúva de Getúlio Vargas, e nós anda fornecendo a pobreza. Nós tamo em Ameliópolis<sup>1</sup>, mas quem veio tirar o fornecimento que nós leva foi só mesmo os ricos, e nós agora resolvemo a procurar os pobres que tão passando na estrada. Aí chegaram na minha casa e viram a minha situação. Disse: bom, dona, não precisa a senhora falar. Eu fui logo mostrando a situação e contando dos meus dois filhos que tinha morrido, dos outros que tava tudo doente, do meu velho que tava doente, sem nada, naquela situação. Disse: dona, não precisa mais a senhora contar, não. Tirou meu retrato e o retrato dos meninos que restavam, tirou dele também. Levou ele, sem camisa, eu tinha lavado uma camisinha dele, assim, disse: não precisa vestir camisa, não. Colocaram ele numa caminhoneta, levaram ele pra cidade, quando chegaram foi com uma despesa: de arroz, de leite, doze latas de leite Ninho pros menino. Trouxeram roupa pros menininhos, cobertas, trouxeram arroz, feijão, milho, de tudo, massa, massa pra menina, arrozinho, de tudo veio no saco, não faltou nada, cebola, macarrão, de tudo pra nós passar mais de dois meses, não faltar nada. Aí, com isso nós acabemo de tocar a rocinha, acabemo de tocar a rocinha. Quando acabemo de tocar a rocinha, aí o nosso

---

<sup>1</sup> Distrito do município de Presidente Prudente-SP, localizado à 47 km da sede urbana pela estrada vicinal Raimundo Maiolini. (N/E)

patrão pegou a “ingrisia<sup>2</sup>”, quando viu o algodão crescer e viu tudo, pegou a xingar e dizer que nós tava enricando, que já tinha algodão, que o algodão tava demais... uma beleza que ficou aquela rocinha de algodão! Aí, ele (o marido) falou: nós vamos s’imbora daqui, não quero malquerença”, então vamos s’imbora. Ainda fizemo dezoito saco de algodão. Com aquele algodão nós peguemo o ônibus e fomo pro Paraná, onde tinha um irmão dele, no Paraná, numa cidade chamada Nossa Senhora das Graças.

Nós chegemos outra vez, que sofrimento! Lá foi outro sofrimento pior. Chegamo lá, era criançada só que tinha, não tinha jeito de trabalhar, só era ele sozinho que trabalhava. Ninguém dava uma casa de jeito nenhum pra morar. “Ah, nós não quer gente com criança, nós não quer gente com criança”. Até que tinha um... chamava-se... como é que se chamava aquele homem que teve dó de mim com aquela filharada, me deu uma casinha pra eu morar, uma casinha de tábuas. Disse: dona, eu não posso, não vou deixar a senhora na minha pensão. Disse: eu vou dar uma pensão boa pra senhora que a senhora tá muito sacrificada, nós tamo vendo. Tô com dó da senhora. Chorou. Mas vou levar a senhora pro sítio, um cantinho que eu tenho ali, tem uma casa, vou pôr a senhora lá, a senhora vai arrumar um pedacinho de roça e vai melhorar a situação. Aí me deu um pedacinho de terra pra eu morar, me deu o cartãozinho dele lá, eu fiquei morando. Toquemo uma roça, toquemo uma roça. Quando nós tava no meio da rocinha que o homem tinha dado, aí outro que era..., ele era dono da roça e o outro era dono da terra. Então quando..., ele é quem tocava aquela roça, sabe, era quem tocava aquela terra. Mas, o outro, português, era o dono da terra. Aí, quando chegou, eu disse: bom, a nossa roça era 3 alqueires, tava uma beleza, de algodão, de tudo o que eu tinha plantado, arroz, milho, abobrinha, tudo, tudo, nós tava já enchendo a barriga. Aí, o outro chegou, tinha galinha no terreiro, crescia as galinhas. Aí, ele chegava todo dia e disse que era pra nós ir s’imbora, ir s’imbora da terra porque nós tava melhorando e tudo... E só queria a casa, queria a casa, que o português era dono da... da roça, da casa, mas não era dono da casa, que lá pertencia a ele que era rendeiro dele. Aí, ele pegou a ingrisiar<sup>3</sup>, pegou a ingrisiar. Quando foi uma noite, chegou seis homens pra brigar mais ele (meu marido) dentro de casa, pra nós correr. “É pra correr, nós quer comprar, vende a roça, nós não quer mais vocês aqui, vende a roça.

---

<sup>2</sup> Termo muito utilizado na linguagem sertaneja para se referir a uma pessoa birrenta, insatisfeita ou considerada chata, briguenta. Pode se referir, também, a uma variação da expressão “ingresia”, ou “inglesia”, isto é, fala, som que não se entende. Correntemente, o sertanejo utiliza mais o a expressão “ingrisia” para se referir a contendas, desacordos entre duas ou mais pessoas. (N/E)

<sup>3</sup> Variação livre do substantivo “ingrisia” para a forma verbal. (N/E)

Mas como é que eu vendo a roça, eu não posso sair, que os meus filhos trabalharam tanto, como é que eu vou deixar a galinhada no terreiro e tudo por aí? “Ah, é pra sair, pra desocupar! Aí, eu fui na polícia, cheguei lá no cabo de polícia contei a história todinha. Ele disse: bom, a senhora pede lá 2.500 a ele, a seu João, que ele é um homem muito bom, a senhora pede dinheiro a ele e vai s’imbora. Ou, então, a senhora vai na polícia numa cidade aqui na frente, parece que era Guaraci, a senhora vai em Guaraci, vai no juiz de direito lá, conta a sua história. Ou, senão, pede 2.500 lá e larga a roça lá. Nós com medo também, era tudo valente,.. meia-noite chegaram com cacete pra brigar. Eu digo, meu Pai, vai matar nós tudinho aqui, vai matar nós tudo. Nós já tinha informação deles, como era esse pessoal, nós só tinha direito à roça e um mês, os vizinho dizia pra nós...

Aí eu: vamo sair, vamo sair daqui. Aí se preparemo. Quando foi..., nem dinheiro de roça, não tinha de nada, larguemo lá galinha no terreiro. Peguei umas três ou quatro galinha pra vender na rua, pra pagar a minha passagem até Londrina, que era a próxima cidade que tinha. Aí, a mulher do patrão viu eu com as galinha debaixo do braço, ela disse: dê cá as galinha, dê cá as galinha, sua ladrona. Eu disse: não, as galinha não; se rolemo mesmo. As galinha não entrego, é pra pagar minha passagem até Londrina. Aí, tomei as galinha e cheguei na cidade, vendi. Quando acabou, taquemo tudo no ônibus e forno s’imbora pra Londrina. Passei uns tempo ganhando uns dinheirinho, ele passou trabalhando na roça lá de um homem. Nós morava numa casinha, arrochado. Aí, nós conseguimos garantir a passagem pra Pernambuco, aí tirei pra Pernambuco. Cheguei lá, morei, fiquei lá numa casinha lá de um Irmão, parente meu. Não tinha papel de terra aquela casinha, Ele disse: oh, você fica ai mesmo, nessa casinha, criando seus filhos, que nem papel essa casinha não tem, não tem papel essa casinha. Nós só tem uma filha, e ela só daqui a dezoito ano que ela tá moça, que é quando eu vou procurar essa casa. Ele disse: fica aí. Então fiquei e morei dezanove anos naquela casinha. E quando tava com dezanove ano que eu morava na casinha... nem ele tinha escritura daquela casa,,, aí chegou os parente dela lá e disse: “oh, eu quero a casa”. Não, não vou dar a casa não, eu morei esse tempo todo, não vou entregar a casa não. Aí cochicharam lá com o tubarão<sup>4</sup>, quando acabaram ele disse: “não, vocês podem desocupar, a casa ja é minha, pode desocupar”. Oh, meu pai do céu, o que e que eu vou fazer neste mundo, deixar minha rocinha, tudo quanto é meu? “Não sei , eu já comprei”. Naquilo, comecei a chorar, choremo, pedi: oh, meu senhor como é que pode ser isso? Como é que eu vou fazer, vocês me tirá da casinha, que tanto trabalhei, tô aqui há tantos anos e agora vou sair!

---

<sup>4</sup> Termo utilizado para se referir à pessoa rica, endinheirada. (N/E)

“Ah, dona..., mas também aqui não dá, que teus filho tão crescendo, não dá pra senhora aqui não. Não dá não, eu compreí”. Recebi ainda recado lá dos parente dela, da viúva que era mulher desse homem, que era dona da casa, que ele morreu, que era o pai dessa menina. Disseram que tinha sido ela que tinha mandado arrumar a casinha... Tinha três quadra de terra nessa casinha, que nós tocava. Eu pensei: eh, não tem escritura mesmo. Todo mundo mandou ir no juiz de direito; eu disse: vou não, vou questionar não.

Aí, saímo. Fomo embora. Quando eu sai dessa casinha fui pra Santa Tereza, uma cidadezinha perto. Aí, fiquei numa casinha lá, fiquei quatro meses só nessa casinha. Quando foi um dia, deu uma chuva muito grande nessa casa, amanheceu alagando tudo de água, choveu dentro daquela casa velha. Aí, um primo meu chegou e teve dó de mim e disse: nega, mas tais aqui dentro dessa casa? Eu disse: tô, não tenho o que fazer, tô dentro desta casa velha, molhada. Ele disse: nega, vou te dar uma casinha que eu tenho lá numa tapera e três tarefa de terra que eu tenho lá. Tu vai lá e bota uma rocinha, vai morar lá. Eu disse: tá bom. Aí, fui morar nessa casinha lá. Cheguei lá, pus uma rocinha, plantei de tudo , foi um ano bom, deu muita lavoura, tava tudo bem graças a Deus.

Meu filho comprou um cavalinho, só um não, comprou dois cavalinho velho. “E vou matar um bodinho, um porco e vou levar nesse cavalinho pra vender em Santa Terezinha também, pra ver se nós vamo pra frente”. Eu disse: tá bom, meu filho. Aí foi, comprou um cavalinho, ajeitou, matava um porquinho,, matava um bodinho no domingo e levava pra rua. Quando dei fé, o homem disse: eu não quero cavalo amarrado na minha terra, pode desocupar, não quero cavalo amarrado na minha terra.

Aí, a gente desocupemo, desocupemo e fomo embora novamente pra rua, pra outra casinha, perto daquela que eu tinha morado. Fiquei ali, quando foi um dia, chega uma história de recenseamento, vai haver um recenseamento, tão procurando gente pra trabalhar nesse recenseamento. Aí, meu marido, que tava aqui em São Paulo, tinha chegado. Aí, eu fui lá no meu compadre e disse: compadre Ernesto, arruma esse recenseamento pra Salviano fazer, trabalhar nesse recenseamento. Quando ele trabalhar nesse recenseamento pode ser que arruma, quem sabe o dinheiro pra nós ir s’imbora pra S. Paulo. Ele disse: será, minha irmã, que seu marido ainda dá pra trabalhar nesse serviço? Eu disse: ele dá, ele vai trabalhar, ele sabe trabalhar. Aí foi e arrumou, meu irmão arrumou o serviço do recenseamento pra ele trabalhar. Ele foi trabalhar de agente do recenseamento. Então, fez o recenseamento tudinho, trabalhou, quando foi no fim da safra, ganhou, parece que 600 cruzeiros naquele tempo. E foi aí que nós viemo s’imbora novamente pra aqui.

Viemos s'imbora novamente pra São Paulo. Ele veio na minha frente, veio ai pra capital de São Paulo, eu fiquei lá na casinha. Ele se empregou numa firma, parece que lavadoura! Depois arrumou um homem lá, um empreiteiro, trabalhou com ele, pegou a contar que tinha muitos filho, rapaz, moça já, e a mulher dele lá numa situação ruim, difícil lá no Pernambuco, não tinha serviço, não tinha uma roça, não tinha o que comer, de jeito nenhum. Aí, o homem foi e disse: pois olha, seu Salviano, vou lhe dar uma roça, vou lhe dar uma terra. Vou lhe ajudar e mandar lhe buscar para o senhor tomar conta de um terreno que eu tenho abandonado lá numa cidade perto de Dobrada, lá em Santa Ernestina, encostado a Santa Ernestina. Tem bastante serviço lá, um terreno, vou ajudar o senhor. O senhor quer a passagem, eu mando buscar sua família. Chegou lá, meus filho já tava tudo na escola, aí trouxe pra cá. Quando cheguei aqui... O homem disse; lá não tem serviço pesado, é tudo bom. Lá você emprega seus filhos, põe outro na escola e fica lá na casa tocando o terreninho. Aí, ele foi correndo, pegou o dinheiro do homem e foi correndo me buscar lá no Pernambuco. Chegou lá: nega, arrumei serviço, arrumei colocação pra nos lá, tamo rico. Lá, um homem veio arrumar terreno pra nos trabalhar, tocar a roça, sem compromisso. Meus filhos trabalha onde quiserem, minhas filhas tão bem empregada, os outros pequenos nós põe na escola, e tudo bem... Aí eu fiquei meio nervosa e disse: não vou não. "Não, é pra ir, é pra ir". Eu disse: então... Mas já tinha dois filho meu que já tavam grandinho, já tavam com um negocinho, tavam bem lá, e disseram: nós não vamo não, mãe quer ir só mais os outros, nós não vamo. Peguei a chorar, peguei a reclamar porque os menino não vinha, fiz de tudo até que os dois menino vieram comigo.

Quando chegamo ali, nesse terreno onde esse homem disse que ia fornecer tudo pra nós, disse que não faltava nada... aí no dia que cheguelo, no outro dia ele veio s'imbora de São Paulo. Quando chegou lá disse: bom, agora é o seguinte: eu quero que vocês vão me tratar desse sítio aqui, esses moço vão cavar essa levada que toda a vida era pra mandar fazer, essa levada nesse terreno meu, cavar essa levada, que tá muito alagado, mas nunca achei gente suficiente pra fazer esse serviço. Mas, agora, os filhos da senhora vai fazer esse serviço aqui... Cada levada que dava por aqui, no pescoço dos meus filhos. O terreno dele era alagado, aquele terreno velho, que não tinha quem quisesse ele de jeito nenhum. Aí, os filho foram cavar aquelas levada, e eu fui carregar, mais as meninas, os monte de lixo que tinha pela casa lá, ao redor da casa, aquele lixeiro mais ruim do mundo, carregar numa carroça aquele lixo tudo, e limpar, que ele pediu pra limpar ao redor da casa, carregar aquela lixeira que ele tinha, limpar aquela cocheira de burro, que ele tinha um sítio de burro lá, e eu fui limpar aquilo tudo mais essas menina mais pequena. Me acabei de tanto trabalhar, mas quando chegava o dia do pagamento, não



tinha pagamento não. Era prá nos cuidar daquilo ali, mas fosse ganhar onde quisesse, botasse um pouco de gente pra trabalhar pra comer, e aqueles outros fosse limpar o terreno dele, que era a vida que ele queria era aquela.

E eu fiquei ali uns tempo, mandei dois trabalhar lá prá, cortar cana lá pra Santa Ernestina, lá pra dentro, aquele lugar lá, Santo Emidio. Aí, plantei feijão, plantei milho, mas não deu nada. Alagou tudo, alagou tudo, pegaram a cavar a levada... com um pouco, adoeceu, adoeceu tudo, ficou tudo doente, deu uns “tumor” de morar numa casa velha, cheia de água, do celeiro, que tinha aqueles celeiro de algodão. Adoeceu tudo, adoeceu tudo.

Não ficou quem não adoecesse na minha casa. Aí, dois voltaram, que foi aqueles dois que trouxe eles a pulso, voltaram pra Pernambuco. E o resto ficaram comigo e viemo pra Dobrada. Trabalhamo aquele ano lá oito meses. Tirei carta de motorista pra mim e R. Com a carta de motorista se empregou lá na usina Bonfim, pegou a trabalhar. Depois o pessoal peguemo a caminhar aqui pra Dobrada, o pessoal pegou a dizer; home, larga de ser besta, não vamo tratar desse sítio aí não, larga de ser bobo. Vamo s’imbora, aluguemo uma casinha lá em Dobrada e vamo morar lá. Aí cheguei aqui, perto daquele barracão lá, tinha uma casinha lá, fiquei morando. As minhas filhas foram cortar cana, as meninas foram cortar cana, e o velho, foram cortar cana, o outro se empregou de fiscal. Fomo vivendo até hoje, ganhando só a boinha. Ficar ali, cortando cana pra morrer, enfrentando tudo quanto foi doença, que eu não tenho coragem mais nem de andar dentro de casa, de tanta doença. Todo tempo costurando aí, dentro de uma casa velha, não tinha pintura na casa, não tinha pia, não tinha nada... E eu costurando de noite também, pra ajudar, costurando. Quando dei fé, peguei esse reumatismo, que hoje tô aí aleijada dentro de casa de tanto que costurei, de tanto que costurei de noite aí...

### *Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (Pergunta sobre as seguidas andanças - migração)*

DONA ANNA - Imagino assim... O que eu me queixei só era de a gente chegar, pôr uma rocinha, assim, plantava milho, plantava feijão, como aí mesmo nesse homem, plantei de tudo, fiz horta, peguei a criar galinha, todo lugar que eu chegava. Pegava a criar galinha, pegava a criar tudo, sempre com respeito, toda vida nós foi pessoas que respeita todo mundo. As pessoas parece que pegavam inveja, uma má vontade, que não dava certo. Quando via que tinha uma coisinha, que ia adiantando um pouquinho, que ia melhorando, as pessoas pegava com má vontade, que não tava bom, que não tava dando certo... aí eu pegava e saía.

Pra mim, a pessoa pegou a morar em terra dos outros, pra mim, não e só ele não, pra mim, é todo mundo, pegou a cair pra morar em terra dos outros, se for um morador bem preguiçoso, que viva aí sem nada, só “chaleirando”

aquele patrão, trabalhando de graça pra ele, ainda vai... Mas, se for pra trabalhar pelo futuro dele, criar galinha, criar porco, fazer uma roça pra aquela pessoa... aquele patrão vê aquela pessoa encaminhada, que vai ter uma melhorinha, ali só vem má vontade. Eu só conheci na minha vida só isso, minha desvantagem só foi isso, o que eu achei só foi isso. Aqui não, depois que cheguei no meu cantinho, trabalhei, fiz minha casinha ainda com muito sacrifício, fiz o casamento das minhas filhas, ainda tirei carta de motorista, de tratorista pros menino, tudo, todos têm... Depois que tô no meu cantinho, se fosse há tempo que eu tivesse chegado num lugarzinho assim, que eu tivesse arrumado um caminho assim de ter a minha casinha pra morar, eu não tinha vivido tão sacrificada nesse mundo. Só foi assim, uma pesada família e a gente trabalhando, assim, em terra dos outros. Começar... quando a pessoa via que a pessoa tinha um futurinho, pegava o menino a fazer um negociozinho pra aqui, pegava, comprava um cavalinho, comprava uma coisinha assim pra ir pra diante, o patrão já ficava cismado, de cara feia até o dia da gente sair. Eu, pra mim, todo mundo é desse jeito... façam tudo, mas não queiram saber de terra dos outros pra ir trabalhar, que não é futuro. Uma coisa que eu detesto, uma pessoa trabalhar na terra dos outros, só se for uma pessoa que não tem interesse de nada. Em todo lugar onde eu experimentei pra fazer a minha rocinha, cuidar da minha casa, pegar um futurinho, porque eu ia pra diante, todo lugar que eu chegava, eu ia, porque ele era interesseiro, eu era também, ficava costurando aí pro pessoal de fora, meus filhos pegava também a rocinha deles... quando ia melhorando um pouquinho, eu via logo a cara feia, a má vontade, um gosto ruim, até que era preciso sair.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (Pergunta sobre expulsão da terra)*

DONA ANNA - Sim, foi. Todo mundo era expulso assim, vai, quase toda a vida foi. Sair, é pra sair. Todos onde eu morei me mandaram sair. Tava tudo satisfeito, com o maior prazer, alegre, costurando, agradava as pessoas... mas quando eu via que ia numa melhorzinha, eu conhecia logo que a má vontade ali chegava. Sair, não dá certo não, vocês não dá certo pra morar aqui, vocês vão morar por conta lá em qualquer terreno, buscar roça pra vocês, vocês tão com interesse... eu conhecia logo.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre os estados do Brasil que conhece)*

DONA ANNA - São Paulo, morei em São Paulo três anos. Saí de Pernambuco e dentro de três anos eu morei em Presidente Bernardes uns quatro mês, foi nesse fim de safra que eu fiquei doente, aí fui pra esse lugar chamado Rio do Peixe, onde me botaram pra fora lá por causa da roça de algodão que eles viram. Um velho pobre, um velho cachorro, quando viu que a rocinha tava crescendo, que viu o algodão bom, aí pegou com cachorrada,

brigando, me insultando, insultando ele (o marido) também... E eu, pra não haver uma briga maior, aí: vamo s'imbora daqui, não tem que brigar com cabra velho, pode entregar. Vamo tirar um pouco de algodão pra nós, fazer nossa passagem e vamo s'imbora. Pois foi muita sem-vergonhice mesmo. Foi só quando ele viu a roça, o algodão, as galinha que eu tava criando e a ambição. "Ah, que a senhora é costureira, vai morar na cidade, aqui não dá pra senhora não, aqui só dá pra nós que não somo ... aqui tá bom pra nós aqui". Eu digo: tá bom, porque vocês tão vendo que a roça tá crescendo, o algodão chegou, é que tá bom pra vocês. Vamo s'imbora. Aí, a gente veio embora, pra não haver o cacete. Esse outro, do Paraná, que eu saí também, esse lá foi má vontade. Lá eu saí, deixei minha roça, deixei umas 28 cabeças de galinha perdida no mato que não pude pegar. Essa foi de tanta inveja da minha roça que tiveram, uma roça, uns quatro alqueire de roça que eu tinha de arroz, feijão, pedaço separado pra algodão, de tudo nós tinha: porca cevada, cada uma porca bem assim... Essa foi a má vontade lá, esse lugar que eu morei foi um castigo. Por isso que eu fiquei falando: se for pra morar, seu fulano dizer: "bom, pega esse terreno e vai tocar de roça pra você...", pode me pagar quanto quiser, que eu não quero mais não. Há muito tempo que eu não quis mais, de jeito nenhum, não tive sorte.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre a família)*

DONA ANNA - Meus filhos toda vida foram muito bom, toda vida foram muito obediente a mim. Meu velho era meio, meio atrapalhado, ele ficava assim sacrificado, quando ele via esses prejuízos que ele tinha, tocar essa rocinha com sacrifício mais nós, e o futurozinho que ia água abaixo, ele ficava desgostoso. Mas meus filhos tudo era bonzinho, obediente a mim. Vamo embora, mamãe, quando eu queria ir, eles saía embora mais eu. Toda vida eles foram trabalhador, ainda hoje são. Não tem sofrimento que eu passasse neste mundo por causa de meus filhos, por causa deles não foi, nem minhas filhas mulheres nunca me deram um sacrifício, nunca passei uma vergonha com filho homem, nunca passei uma vergonha com filha mulher, de jeito nenhum. Graças a Deus, até hoje nada aconteceu com meus filhos. Graças a Deus, tive sorte. O sacrifício foi assim a pobreza pra criar eles. Eu passei, assim, uma pobreza muito grande neste mundo, ninguém passou mais do que eu. Eu era muito rezadeira, muita fé em Deus, me pegava com Deus, rezava mais eles: vamo rezar, meus filhos, pra ver se nós vence. Eu tinha muita paciência, nunca deixei meu marido brigar mais ninguém, nunca deixei brigar nem filho meu. Eles ficaram homem, pegaram a ficar homem lá no Pernambuco. Já tava quatro rapazinho, já tinha filha moça... Aí, quando foi um dia, não tinha onde eles trabalhar de jeito nenhum: "mamãe, nós não vamos ficar aqui não". Lá, nessa casinha, em Santa Terezinha, eles tava rapazinho já, tinha uma filha moça, vontade de andar um pouquinho melhor, não tinha serviço pra

trabalhar, uma cidade que só matavam gente ali, gente rebelde. Então, um dia chegou um e disse: mamãe, mamãe não quer tirar nós dessa terra aqui pra levar nós pra um lugar que nós trabalha, pra mãe ter onde botar nós tudo homem, mas mamãe vai ver: nós, ou nós sair e voltar num pau da rede, ou matar um filho da peste aí. E nós não vamo aguentar viver aqui dentro dessa ruinha pequena, sem trabalho, sem terra pra trabalhar, pode procurar lugar, jeito de trabalho pra nós viver. Aí eu pensei: não tem nada não, filho, vamo pensar, vou me pegar com Deus. Aí me peguei com Deus, me peguei com Deus, até que arrumemo com que vir aqui pra Dobrada. Foi nessa viagem que moremo esse tempo nesse homem onde já falei, moremo oito meses lá, aí fomo ver uma casinha aqui em Dobrada, viemo pra aqui. Pegaram serviço na Usina Bonfim, ficaram trabalhando, cortando cana, depois peguei carta de motorista pra eles todos, de tratorista, outros empregado de fiscal, foram trabalhando até hoje, juntando um dinheirinho, fiz essa casinha aqui, fiz o casamento de três filha, fiz o casamento de dois filho, Tão casados hoje, e graças a Deus vamo levando.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre a Terra)*

DONA ANNA - A palavra terra é uma beleza, uma aventura, a pessoa ter seu, eh meu Pai do céu! A pessoa ter seu pedacinho de terra pra morar, tem o paraíso. Essa vida da gente não ter uma terrinha pra morar é que traz todo esse sacrifício que eu já falei aqui. Só o que foi é a falta de um pedacinho de terra pra criar meus filhos, dar a cada um a sua rocinha, que era o prazer que eles tinham na vida. E o meu era nós ter a nossa rocinha e eu ver meus filhos tudo, cada um com seus pedacinho de terra, criando seus filhos, minhas filha tudo mais seus marido, trabalhando na sua rocinha, que eles, tudo o que falavam era isso. Que a pessoa que tem sua roça, sua casinha pra morar, sua terrinha... é um paraíso, é um sossego, dorme sossegado a família toda. Porque não é brincadeira a gente viver neste mundo esperando por emprego, esperando pela terra dos outros. Aí, toca uma rocinha, o patrão acha que não tá certo, quando vai melhorando um pouquinho toca ele, é assim... Por isso que eu falo que a pessoa que tem seu pedacinho de terra nesse mundo pra morar, tem uma vida feliz. Enquanto eu tive meu pedacinho de terra lá, até esse irmão meu tomar esse pedacinho, esse cunhado meu tomar esse pedacinho de terra que meu marido tinha, que nós morava, eu não tinha contado com sacrifício. Já tava com 5 ou 6 anos que eu tinha me casado, sacrifício nenhum eu não tive, porque eu tava no que era meu, tinha o meu pedacinho de terra, trabalhava, tinha meu feijão, meu milho, mandioca, espiga de milho pra criar uma galinha, pra criar um porco, com qualquer um dinheirinho nós passava, uma vida feliz. Eu ainda hoje falo, tenho, assim, dó... não gosto nem de sair pra fora, pra chegar num lugar onde eu vejo uma pessoa com seu pedacinho de terra morando, não tenho nem vontade, de

tanto desgosto que tenho de não ter um pedacinho de terra e ver meus filhos trabalhando do jeito que eles têm vontade de trabalhar, porque meus filhos são tudo trabalhador. Nosso fracasso é não ter terra pra morar, só e isso; mas se nós tivesse, eu garanto que meu filho tudo hoje tava bem de vida, porque vontade de trabalhar nós tinha. Nós somos de raça de gente trabalhadora, nenhum se viu desgarrado... é pouco pra nossa família de vê eles assim. Mas pode ir lá na nossa terra, lá em Garanhuns, pra ver minha família tudo com seus pedacinhos de terra, suas fazendinhas de café, todos os seus filhos já formado, cada um tem seu sitiozinho pra aqui, pra acolá, toda a minha família. É poucos que já chegou aqui, desgarrado, só os que perderam, assim na desventura, sua terrinha de morar. São poucos. Minha família é toda bem de vida, pode ir lá em Garanhuns que todos são bem de vida, fazendeiro de café, de gado, gente fina a nossa gente lá. Só nós que anda num estado desse daqui.

Se eu tivesse terra, não tinha andado por esse Brasil afora, não. Não, tinha andado de jeito nenhum, ainda que o meu marido quisesse sair, eu não saía. Enquanto eu tive meu pedacinho de terra pra morar eu não saí, de jeito nenhum; nem ele tinha saído também, que ele é muito trabalhador. Ele se viu doido, louco com uma “canzoada” de filhos, de nove, dezesseis filhos nas costas. Morreu uns cinco ou seis, mas que ele tinha coragem de trabalhar, ele tinha. Mas, ele se viu tão pobre, sem terra pra morar, sem uma ajuda de tirar um dinheirinho no banco pra tocar, assim, uma roça, tocar essas “belisquinha” de roça nas terras alheias. Mas, se ele fosse um que tivesse terrenozinho pra morar, tivesse um auxílio assim do governo pra tocar uma roça, como já hoje tá aparecendo né, se tivesse uma chance dessa ele não tinha, nós não tinha sofrido nada.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre os filhos perdidos nas andanças)*

DONA ANNA - Perdi de mau trato. Perdi seis, seis filhos que eu vi morrer assim sem... tem filho meu pelo estado de São Paulo e do Paraná que eu não cheguei... Trabalhando e ele recebendo um vale. Nunca vi um tostão, assim, dizer assim, Eu vi mil e quinhentos, que custava uma chupetinha pra botar na boca, mil e quinhentos. E nós tava, ele trabalhava seis dias por semana por vale, e não via um tostão, assim, não sabia o que era dinheiro naqueles tempos, que tá com trinta e oito anos agora. Nós não via dinheiro pra comprar uma chupeta. Eu tinha filhos, criava eles chupando dedo, por que não tinha dinheiro pra comprar uma chupeta. Ninguém via dinheiro. A gente levava, lá no Paraná que tinha roça, levava aquele saco de feijão pra vender na rua, quando chegava lá deixava no meio da estrada porque ninguém queria comprar, ninguém queria o feijão de jeito nenhum. Galinha ninguém queria, que todo mundo tinha, e assim se vivia sem nenhum tostão. Só com o que

dava da roça, mas dinheiro, lá no Paraná, eu nunca vi. Tinha era vale, negócio de vale pra tirar feijão se faltasse, querosene, besteira assim, mas não que tivesse dinheiro. Olhe, dei meus trinta dias de serviço e recebi meu dinheiro? Nunca vi isso aí, três anos que passei por lá e nunca vi, só era aquele vale pra tirar as coisas lá daquele barracão. Se eu tivesse encontrado terra no Paraná, hoje eu tava lá, tava hoje com uma “canzoada” de filhos formados lá, se eu tivesse encontrado, do jeito que eu tinha vontade de trabalhar quando tinha minha roça, e eles também, tudo era muito trabalhador e esperto, ele era trabalhador também, um homem trabalhador, botava a rocinha dele em todo lugar, e assim mesmo ainda voltemo por causa de nós tá em nossa rocinha. Porque nós ainda voltemo, mas em todo canto que nós chegasse, que nós botasse aquela rocinha... Nós tinha morrido lá com filhos e tudo, não tinha ficado nenhum pra contar a história. Aquele excomungado, velho ladrão... não gosto nem de me lembrar quanto sofri. E mesmo esses patrão que morei lá, que botei essa roça, ele mandou nós ir pra aquela casa. Eu vou fornecer vocês com um pouquinho, eu vou fornecer! Quando nós entremo lá no galpão, quando foi na outra semana foi que ele foi ver nós. Quando chegou lá, apareceu com dez quilos de fubá e um litro de querosene. Foi o nosso fornecimento até aquela roça chegar. Era de, parece que, quinze em quinze dias, dez quilos de fubá e um botijão assim de querosene. Era o nosso fornecimento ali, e toquemo aquela roça. E não sei em que instante dava as coisas, chegava as coisas ligeiro. Instante... no Paraná, não sei como era uma coisa daquela, terra boa, encheu a nossa roça de fartura.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre o trabalho do boia-fria)*

DONA ANNA - Acho uma vida de tanto sofrimento. Sofremo tanto, levantar as quatro horas da madrugada, se acordar quentinho, correndo dentro de casa pra fazer essa boia velha, fria, jogar dentro dos caldeirão e pegar eles pra ir trabalhar no serviço por ai batendo os dente de frio, batendo nesses caminhão velho, chegar lá, engripado, as vezes com febre, que ninguém se deu aqui nesta terra, comer essa boia fria, voltar essa comida velha fria do mesmo jeitinho. Adoeceu tudo, até hoje a gente ainda não tem saúde aqui.

Depois que pegaram a comer essa boia fria tão aí tudo magro, amarelo, essa boia e voltar pra trás, eu a chorar aqui dentro desta casa de ver aquela boia voltar tudo pra trás, tudinho, ou então jogada no mato. Esse trabalho não dá não. Todos esses meninos meus trabalharam tanto nesse mundo, já sofrerem tanto aqui de trabalhar de boia-fria que só quem sabe é Deus. Quanto essas filha minha e esses filho sofrerem já dentro desta casa, nestes 14 anos que nós chegamo aqui. Penso que não tem um sofrimento maior do que o que essa gente sofre doente nesses caminhão, naquele dia de serviço, corte de facão, lá fica esgotando o sangue todinho, que gente minha já se cortou aí. O patrão nem ligou, chegar lá e por eles mesmo vir s'imbora

se arrastando pra aqui, para as farmácias pra se curar, aqueles cortes, se perdendo sangue... que nem o meu velhinho se cortou lá no Chimbó! Nem pegar ele pra levar ele pra Matão, ninguém pegou. Chorou, gritou lá se esvaindo de sangue, foi que veio aqui, chegou aqui na farmácia ferido, tratou, fez curativo, depois o patrão achou ruim com ele porque ele tinha feito aquele curativo. Queria que morresse. Quantas vezes o pessoal se corta lé e os patrão nem leva pra fazer os curativos lá em Matão, não leva. Ave Maria! Tem vida pior que essa não! Que eu dê valor a essa vida não, muita gente aqui dá, muita gente aqui se acostumou com essa vida e acha bom, mas eu não, de jeito nenhum. É o jeito que a pessoa tem, se não trabalhar morre, né. Mas, a vida do boia-fria é a mesma vida do mendigo, eu acho igual, a vida do boia-fria, o sofrimento. Trabalhar nesses frio, morrendo de frio, batendo as quatro horas da madrugada nesses caminhão velho, chegar lá doente, se enfiar naquelas lama velha, pra tirar aquele dia de serviço, cortar aquelas cana velha, pensa que vão ganhar um tanto, quando chega no fim do mês é já diferente os pagamento sempre, atrasa as vezes, o pagamento vai sair hoje, tarda oito dias pra chegar aqui, as pessoas fica dentro de casa que fica se acabando, porque só come daquele ganho. Naquele dia, quando atrasa o pagamento, quase toda vez só vem atrasado, quando chega aquele dia, que atrasa aquele pagamento, é preciso ficar com fome dentro de casa ou tomar emprestado umas xícaras de arroz, uma caneca de açúcar... não é vida isso aqui não, de Jeito nenhum.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre a situação da família agora)*

DONA ANNA - Agora tão melhor graças a Deus. Só tá trabalhando de boia-fria ainda um só, dois, já tão tudo casado, tenho três filhas casadas, já saíram dessa vida, casaram, não tão mais trabalhando, não tiveram mais esse trabalhada, não, tem até mais saúde. Três filha casada, os filhos já casou, dois não aguentaram e voltaram pra Pernambuco, não se deram de jeito nenhum. Chegava nas cana, a alergia da cana, os carrapicho - não aguentaram, foram s'imbora pra Pernambuco a tempo, tão muito bem lá, não ficaram aqui. E os que ficaram aqui, dois ainda tão trabalhando aí de boia-fria e o resto saíram casando.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre se muita gente vive a mesma história)*

DONA ANNA - Muita gente, essas pessoas muito pobre, mulher que tem muito filho, fica aí, sofrendo... não sei se foi sorte, se foi o meu destino, sei que muita gente padece, mas que nem eu não. Mas já vi muita gente sofrer também.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre os culpados de todo esse sofrimento)*

DONA ANNA - Eu nem sei falar. Eu só me queixava era dos patrão que eu morava. Eu só tenho queixa deles, patroa minha e patrão, só é deles que eu tenho queixa. Todo mundo que mora pelas terras alheia conta o mesmo que eu conto. Não sei se era eu só, sei que quase todo mundo que mora pelas terra alheia conta o que eu conto. Nunca vi ninguém viver em terra alheia pra contar futuro, não. Eu não contei. Eu só conto que a minha desventura neste mundo era assim, era eu ver minha..., ter interesse assim de trabalhar, e quando ia progredindo um pouquinho, achava que vinha ambição, e eu também não gostava de ter má vontade, tinha medo, e me retirava, eu era uma pessoa mofina, nunca fui valente assim pra agir. “Sair daqui só aos pedaço”, como muita gente diz, né; e eu tinha medo, saía pra não, pra não perder... me queixei só disso. Nunca achei boa vontade em patrão meu, só achei má vontade; isso eu digo aqui e em todo lugar onde morei em terra alheia. Patrão só quer que a pessoa puxe pra ele, só que seja uma imundícia, só que puxe pra aquele patrão, só trabalhe de graça, ou pra “chaleirar” eles, sem futuro pra si, só futuro pra patrão. Quando patrão acha um desse, aquele morador mora muitos ano na terra dele. Mas, quando o patrão acha uma pessoa que tem uma vontade de sair daquele sacrifício, que tem vontade de tocar roça pra ele e melhorar a situação, é pouco patrão que tem boa vontade pra aquela pessoa ir pra diante mesmo, pra dizer: sai daqui bem, você vai sair bem porque eu vou lhe ajudar e você vai crescer. Eu não vi esse não. Eu achei só um patrão bonzinho, lá no norte, achei muito bonzinho o homem, o derradeiro que eu morei mais ele. Um dia eu cheguei na terra dele, ele disse: fica aí, nega, eu te garanto que daqui tu só sai porque é teu. Aí eu fiquei nessa casinha dele, fiquei, trabalhei um pouquinho e comprei essa casinha na rua. Nem me lembrei de falar, essa casinha eu comprei por 400 conto. Plantei essa rocinha, plantei uma rocinha, criei galinha, meus filhos pegaram a negociar. Parece que tô vendo o primeiro dinheiro que eu arrumei nessa rocinha aí, eu arrumei dezesseis mil cruzeiros, aí estudei um filho meu. Ele tinha, parece que uns treze anos. Eu disse: vai comprar uma ovelhinha aí pra negociar. Aí ele saiu, quando chegou na casa de um homem lá, disse: mamãe mandou que eu viesse comprar aqui uma ovelhinha pra eu matar pra ver se dá pra ganhar o dinheirinho da feira. Aí, ele disse: foi nega que mandou? Disse: foi. Então vou vender. Aí, foi e vendeu por dezesseis cruzeiros. Ele disse que fez aquele negócio só pra me ajudar, que ele teve dó de ver meu filho com aquela conversa pra lá. Aí, ele foi e vendeu aquela ovelhinha a ele. Quando foi no outro dia, ele matou, fez uma bom negócio, fez um bom negócio, se alegrou e disse: mamãe, agora vou negociar. Aí, pegou, foi comprando uma ovelhinha, com o dinheiro daquela ali já comprou outra, quando foi daí a



uns dias já tava comprando ovos também. O pequenininho foi mais ele com uma cestinha comprando ovos, e ele comprava uma ovelhinha, comprava um bode. Aí, quando foi mais uns dias arrumei mais nove mil cruzeiros a outro e disse: vai ver o que que você compra também, vai ver o que é que você compra por aí. Ele foi' e comprou outra ovelhinha a João do Bar, comprou a João do Bar essa ovelhinha que ele vendeu por nove cruzeiros ainda . Eu disse: já dá pra você ganhar, já dá pra você ganhar a sua feira. Aí, ele vendeu, comprou, quando foi no outro dia matou, botou na feira e ganhou. Aí largaram-se todos os dois, negociando, negociando todos os dois foram indo. Ele comprando um porquinho, outro dia comprava uma “bodeguinha”, outro dia já comprava uma cabra, negociaram, e foram, compravam ovos, comprava peru, enchia as camioneta, fazia aqueles... um balaio, chama caçuá no norte, sabe, aquele caçuá de cipó, mandaram comprar um caçuazinho, encheram de galinha, levaram pra Garanhuns, galinha e peru. E foram negociando, foram negociando, quando eu saí de lá, já deixei os dois bem de vida. Depois pegaram a comprar um bezerrinho, parece que tô vendo quando um chegou com o bezerrinho, comprou esse bezerrinho por dois mil e quinhentos. Pegou com esse bezerrinho, pegou a ajeitar o bezerrinho, um cunhado meu deu o cantinho pra ele amarrar o bezerrinho, e ele foi ajeitando esse bezerrinho, foi ajeitando. Quando foi daí a uns meses, vendeu esse bezerrinho, já comprou dois, foi levando, foi levando, quando foi no outro ano o outro já tava comprando o bezerrinho... Sei que agora ele veio passear aqui e disse: mamãe, o que eu tenho hoje, contando tudo por baixo, eu não dou por 40 bi o que eu tenho, não dou por 40 bi. O Antonio também vai muito bem também, negociando. Do tempinho que nós pegamo a negociar, nunca fomo agua abaixo. Antonio, também, o que ele tem não dá por 40 bi, o que ele tem também. Nós tamo sossegado. Eles já pelejou pra eu ir embora, pra eu voltar, e eu com pena dessas menina aqui, já casou tudo, com dó delas, se fosse ao menos com saúde, mulheres de saúde, eu já tinha voltado, mas não quis voltar ainda não.

Esse ai foi bonzinho, mas os outros não, não achei. Eu não tive sorte com patrão bom não. Nem me esqueci de falar num também. Botei uma roça e morei mais outro, até é compadre meu esse. “Comadre vá morar no que é meu lá, tá ruim de vida vá morar no que é meu”. O meu velho tinha saído, tava uma seca danada, ele foi s'imbora pro sertão. “Você fica aí, que eu vou embora pro sertão trabalhar pra lá. De mês em mês eu mando você na rua”. Eu tava na rua. “Eu vou m'imbora pro sertão, você fica aí nessa casa na rua, e eu vou vê se ganho um dinheirinho, quando der eu mando uma feirinha pra você”. Fiquei sustentando, costurando umas coisinhas com aquele ror de filhos, costurando. Aí um dia esse compadre meu passou por mim: “Como é, comadre, você tá aí nessa rua”. Esse foi outro... Eu disse: vou bem, sacrificada. Ele disse: vá lá, vou lhe dar uma casinha pra morar. Então,

me dê uma casinha, me dê uma casinha e me dê um pedacinho de roça, se não der um pedacinho de roça eu não quero. Aí ele me deu um pedacinho de roça, me deu essa rocinha. Quando foi no fim do ano, ajuntei dinheiro e comprei uma vaquinha. Perguntei a ele: você me dá um pastinho sossegado que eu comprei uma vaquinha de leite pra meus filhos? Eles tinha uma vida sacrificada, tudo sem leite, os menino pequeno sem leite... Ele disse: eu dou, pode comprar a sua vaquinha. Se quiser, eu lhe vendo a vaquinha, tenho lá a vaquinha e lhe vendo. Ele tinha apanhado uma vaquinha de outro homem, assim, não sabia se a vaquinha ia ser boa, se não ia. Ele disse: eu lhe vendo a vaquinha, ela tá até enxertada. Aí, eu comprei a vaquinha: 300 mil cruzeiros, comprei essa vaquinha. Aí, fiquemo com a vaquinha enxertada, a vaquinha foi indo, foi indo, foi indo, quando foi daí a uns dia, a vaquinha deu cria, deu cria um bezerro. O leite que ia dar, uns dez litros de leite, uma admiração aquela vaca. Meus filhos dava cem viagem, que era menino pequeno, cem viagem antes de tirar o leite a primeira vez. “Oh, mãe, se mamãe visse como ta a nossa vaquinha, faz prazer, cortar aqueles feixes de cana, assim, e levar; um dia levar a ração de uma coisa, outra dia levar a ração de outra pra aquela vaquinha lá”. Aí, quando foi que a vaquinha deu cria e tava o bezerrinho ficando bonitinho, o meu patrão disse: bom, não dou mais cercado pra vocês não, quero comprar a vaca, quero comprar a vaca, pode fazer tudo pra liberar a vaca. Eu não vou dar mais onde vocês pôr ela, não tive sorte não. Eu disse: eu não quero vender a vaca . E ele: pois então, tira. Eu não tinha onde pôr. Aí, o meu velho falou: vamo vender a vaca, vamo vender. Compadre João tá louco pela vaca, a Vaca é muito boa, a vaca é boa demais. Aí, foi, te dou 900 cruzeiros na vaca. Naquele tempo era uma soma. Tava passando um homem de longe comprando gado bom pra exposição. Aí, ele foi, pegou esse homem, e o homem disse: eu dou 900 cruzeiros na vaca. Aí, comprou a vaca, meus filhos ficaram tudo chorando, de não ter o que comer, ainda faltava uns cinco dias pra tirar o leite daquela vaca. Aí, ele foi e disse pros menino não ficar desgostoso: eu vou mandar quatro litro de leite pra senhora cozinhar, pra dar a seus filhos pra eles não ficar doente. Tiveram muita vontade de comer esse leite da vaquinha deles e não comeram, eu vou pagar as quatro garrafas, quatro litro de leite pros menino comer. Aí, mandou lá o leite. Aí, comprou a vaca, deu um quartinho do dinheiro, ficou com o outro dinheiro lá. E eu toco a pelejar pra ele me pagar esse dinheiro dessa vaca, porque não pagava de jeito nenhum, não pagava o dinheiro dessa vaca. Por que vocês não paga esse dinheiro dessa vaca agora, eu ia buscar bem cedo, não dava certo, era pra ir amanhã, mandava voltar amanhã, não dava certo. Aí, eu fui e mandei o meu velho falar: olha, se não pagar o dinheiro eu vou na polícia, eu quero o dinheiro da vaca. Aí, ele ficou com medo, entregou aquele dinheiro da vaca. Com esse dinheiro nós compramo passagem pra vir s’imbora pra cá. Passemos cada uma... com esse aí eu não tive sorte.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre não conseguir terra em Dobrada)*

DONA ANNA - Aqui em Dobrada, não sei se só eu. Ainda falei aí pra arrumar uns taquinho de terra pra plantar um arrozinho, mas não deu certo, não deu certo de arrumar, não tem jeito. É tudo cana só, cana, café. Aí, os meus filhos foram trabalhando, só trabalhando pros outros aí, e não arrumemo terra não. Isso aqui só se roubar, só se roubar! Porque só se vê cana, só é cana. Alguma pessoa que tem algum parente é que arruma um pedacinho, com os parente, um pedacinho de terra pra plantar um arrozinho, um café, aí algum arrebaldezinho desocupado. Sei não, só vejo aqui é cana, não vejo jeito de pôr uma rocinha aqui não. Se eu tivesse terra eu saía daqui. Na hora que eu arrumar um pedacinho de terra pra pôr um arroz, morar numa casinha lá num lugarzinho, eu ia embora no mesmo instante, na hora. Não gosto de rua, eu moro na rua a pulso, assim, não me sinto bem, nunca me senti bem, nem como com prazer, nem sinto gosto de comida, assim. Só fui nascida e criada no sítio, na roça, criada, sempre quando eu tava mais meu pai, nasci e me criei, era nós na roça, trabalhando, apanhando café, arrancando feijão, plantando mandioca, fazendo farinha. Fui criada assim desse jeito. Em tempo de ponta de rua que morei, só foi aqui, porque foi o jeito. Meus filhos casaram, outros se empregaram aí nesse servicinho da usina, trabalhando aí, uns queria voltar, outros não queria, voltar sem nada também não dava mais pra voltar. Mas, se eu ainda arrumasse, se aqui eu tivesse uma chance de ter arrumado, ao menos lá no norte, um pedacinho de terra pra eu trabalhar ainda, eu voltava. Meu filho falou agora: mamãe, se quiser, mamãe, a mãe já tá de idade, as filhas já tão tudo casada, deixa essas menina lá, quando mamãe chegar lá eu arrumo uma casinha pra mamãe. Tô pensando... se meus filhos fosse casar, os dois que resta, eu vou embora pra lá; se me derem casa, eu vou morar, vou criar ainda galinha, trabalhar mais ele... mas não gosto de morar em rua não.

Minha vontade, Ave Maria, é morrer na roça! Agora mesmo, eu fui a Matão, a mulher desse motorista me levou lá prá aqueles lado, ali no Cucuí<sup>5</sup>, e lá eu vi uma casinha, ela foi pegar uma molequinha doente lá no Cucuí. Ela mora num taquinho de terra, ela tem roça, cria galinhas, mora lá numa casa num sítio tão bonito, tão suave a pessoa... fiquei tão, tive tanta alegria lá que fiquei quase louca, chorei de ver ela tão sossegada. Ela disse: Ah, mulher, a senhora tem tanta vontade de morar num sítio, e eu tenho tanta vontade de morar na rua. A senhora o que acha, como é diferente a vida da gente, eu vivo aqui tão triste, penso lá em vocês, pessoas que tão morando na rua. E eu disse: eu não durmo de noite, só assim, imaginando um pedacinho de terra, uma casinha assim no sítio pra eu morar, terminar meus dias de vida.

---

<sup>5</sup> Refere-se a um dos córregos que banham o município de Dobrada-SP. (N/E)

Aí, ela disse: então tá certo mesmo, eu vivo aqui sossegada, tenho minha terrinha aqui, planto minha roça, faço minha horta, meu tanque ligado aqui, minha hortinha, minhas verduras, não me falta nada, veja, aqui no meu canto não me falta nada. Da dó a gente vê assim, nascer e se criar as crianças, assim, e ficar assim numa ponta de rua, sozinha, dentro de casa, esperando que o filho ganhe, de mês a mês, assim, receber aquela continha, fazer a despesinha, aqui só parada. Aonde a gente plantando, planta feijão, planta batata, faz uma hortinha, cria uma galinha, cria um porco... se a gente tiver dinheiro, passa, e se não tiver, passa, ninguém dá fé que a gente tá apertado.

*Pe. Alfredo/Pe. Antenor - (pergunta sobre se a solução para a pobreza é terra)*

DONA ANNA - Toda a situação, se todo o boia-fria tivesse seu pedacinho de terra pra morar, pra tocar a sua rocinha, acabava toda essa, quase toda a pobreza do Brasil. Porque todo mundo que trabalha assim na roça, trabalha triste. Ele passa o dia todinho só pensando: se eu tivesse trabalhando aqui e fosse pra mim, como que eu não tava? Eu tava bem. Porque se a gente tivesse na roça dando aquele duro o dia todinho, naquele sol quente, mas a gente saber que era da gente, a gente trabalhava, ainda que passasse fome, passava satisfeito....

## GALERIA DE RETRATOS

Todas as fotos são do acervo pessoal de Alessandra dos Santos Pinto e gentilmente cedidas por ela, neta de Dona Anna Amélia.

**Figura 2** - Dona Anna Amélia abraçada a uma de suas filhas, Maria José de Barros Prado.



**Figura 3** - Dona Anna Amélia, a sua neta Ana Joice de Barros Figueiredo e a sua filha Maria José de Barros Prado.



**Figura 4** - Dona Anna Amélia com a sua netinha Noely dos Santos Pinto no colo, então recém batizada, e ao lado do seu genro, Antônio Cruz.



**Figura 5** - Dona Anna Amélia abraçada ao seu filho Valditudes de Barros Pinto, que foi boia-fria, sindicalista e vice-prefeito de Dobrada-SP.



Dona Anna Amália de Barros foi mulher trabalhadora rural, migrante. Dentre outros filhos e filhas, era mãe do Valditudes de Barros Pinto, também trabalhador rural, migrante, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dobrada-SP, depois vice-prefeito do mesmo município do interior paulista.

(Esta entrevista foi realizada em Dobrada-SP, durante 60 minutos, no dia 2 de maio de 1985, com uma senhora idosa e doente)